



OKAY





ESCOLA INDÍGENA KARIRI XOCÓ DE PAULO AFONSO

BAHIA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO II

ORIENTADORA
PROF^a DR^a MAÍRA TEIXEIRA PEREIRA

DISCENTE
THAYS MARIA ALVES SILVA

ANÁPOLIS - GO
2022

SUMÁRIO

1. Apresentação	1
2. O Rio Opará	3
2.1 O Rio Opará em Paulo Afonso	7
3. A aldeia Kariri Xocó	
3.1 A identidade étnica e cultural	9
3.2 A desterritorialização da aldeia	14
4. Os conflitos e impactos das grandes construções	18
5. O lugar	
5.1 Evolução urbana.....	19
5.2 Análise urbana.....	21
5.3 O terreno.....	23
6. Estudos de caso	
5.1 Meti School	24
5.2 Centro Cultural Jean-Marie Tijibaou	26
7. O projeto	56
8. Referências	58





APRESENTAÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

A compreensão histórica da humanidade desde os seus primórdios é capaz de nos conscientizar sobre os episódios de invasões e desterritorializações feitas ilegalmente, que são muito comuns e conhecidos por todo o mundo. É comum ouvir falar de povos que estavam aqui antes de nós, que descobriram terras, plantas e meios de sobrevivência antes desconhecidos, viviam livres em suas terras, até a chegada dos "homens brancos", termo dado por eles aos invasores, que por muito tempo os prenderam e tiraram suas terras, obrigando-os a sobreviver pelo trabalho escravo e castigando aos que se opunham, desde a invasão dos portugueses ao Brasil em 1500, se iniciou uma exploração contra os povos nativos, o que acabou com muitas culturas e resultou em desconhecimento e preconceitos por suas histórias e tradições, entre estes povos nativos e prejudicados estão os indígenas.

Com o passar dos anos, alguns acontecimentos mudaram, mas não o suficiente, outras continuam exatamente iguais, e uma delas é a desterritorialização de indígenas por aqueles que possuem mais poder aquisitivo e possuem apoio político, por isso continuam sendo privilegiados por um governo que em sua maioria, não se importa com a luta de nações.

No interior da Bahia, em um pequeno município chamado Paulo Afonso se encontra uma etnia indígena, conhecida como Kariri- Xocó da Bahia, a etnia possui várias aldeias, que sempre estiveram pelas redondezas do Nordeste, pois tem como principal condicionante para a escolha de territórios as águas de uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, hoje mais conhecido como Rio São Francisco. Paulo Afonso está localizada em meio as águas do São Francisco, e é dito por seus moradores que a maior beleza e benção da cidade seja o rio, esse fato tornou a região um lugar muito importante para os Kariri- Xocó, pois para eles as águas do rio e tudo o que a natureza proporciona ao mundo é sagrado, mas toda essa importância do rio trouxe para a região ambições afim de levar progresso e construir riquezas materiais e isso resultou na exploração extrema e em grandes construções no Rio São Francisco, podendo ser citado como exemplos de tais o complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, suas barragens, etc.

Toda essa exploração feita, teve como consequência uma sobrecarga no Rio São Francisco, ainda que para muitos o rio possua valor sentimental e uma importância que vai além de bens materiais, como para os povos indígenas, para quais o rio é ligado a sentimentos, e através de tais sentimentos a aldeia Kariri- Xocó foi guiada por seus ancestrais, seguindo seus ensinamentos e crenças, até a terra em Paulo Afonso localizada às margens do São Francisco.

A chegada da aldeia nas regiões de Paulo Afonso foi em 1980, mas apenas no início de 2015 se fixaram na área denominada DNER as margens do rio, onde viveram pacificamente até o ano seguinte, em 2016, até que a construtora UZI entrou com uma liminar que solicitava a retirada dos indígenas das terras, onde alegavam direito sobre as mesmas, ainda que não fosse comprovada a veracidade. Voltamos novamente a questão da desterritorialização e ao favorecimento dos ricos, com isso, independente das provas de que o território pertencia aos indígenas e das leis que existem a favor da aldeia, houve a expulsão de violentamente e as famílias foram realocadas pela prefeitura em uma escola desativada.

Essa é uma luta permanece em julgamento até o momento atual, e não possui previsão de término, alguns indígenas ainda vivem na escola desde então, outros foram para a cidade na tentativa de conseguir condições melhores de vida, já algumas famílias começaram a construir em terrenos próximos a escola tendo a esperança de que a prefeitura conceda a eles essas terras para que possam viver suas vidas com dignidade, terras estas que são suas por direito legal.

O presente trabalho buscar problematizar essa ação que foi movida contra os Kariri- Xocó e principalmente a atitude dos governantes diante da situação, e visto que a aldeia não possui escola e ironicamente foram abrigadas em uma, a proposta é proporcionar uma escola onde crianças indígenas e não indígenas possam frequentar para que ambos tenham a chance de aprender sobre os dois modos de visão de mundo, entender as suas diferenças e diminuir tanta ignorância, preconceito e injustiças ainda presente mesmo com um mundo mais evoluído, senão agora ao menos no futuro. E ainda propor a reconstrução da aldeia Kariri Xocó da Bahia em suas terras iniciais, para que possam ter seus lares, preservar e repassar sua cultura, tradições e costumes e principalmente continuar em contato com a tão sagrada natureza que os mantém vivos e com esperança.

2. O RIO OPARÁ

Atualmente, o Opará é conhecido como Rio São Francisco, porém antes de receber tal nome, foi batizado como Rio Opará, o nome possui como significado a expressão Rio- Mar, no dialeto indígena. O rio é um dos maiores condicionantes para as escolhas territoriais dos povos indígenas, a razão é que para eles as águas além de auxiliá- los em suas práticas rituais, os aproxima de suas divindades, e ainda de acordo com o CBHSF (Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco), é fonte de renda e sobrevivência não só para os povos indígenas, como também para diversos povos ribeirinhos que sobrevivem através da pesca e da natureza que ganha vida nas margens do rio.

O Rio São Francisco possui apelidos, recebe homenagens, além de ter data de nascimento. Já foi chamado de Rio Opará, Velho Chico, até que chegasse em Rio São Francisco, passou a possuir tal nome por ter sido “descoberto” pelos viajantes Américo Vesúcio e André Gonçalves no dia 4 de outubro de 1501, tal dia era considerado o dia de São Francisco e por isso o nome foi dado em homenagem a São Francisco de Assis, ainda que antes de ser “descoberto” e nomeado desta forma o mesmo além de já ter sido nomeado pelos indígenas, também já fosse objeto dos relatórios dos primeiros europeus chegados no século XVI. Porém, de todos os batismos citados, destacaremos Rio Opará, nomeclatura vinda da cultura indígena e dado com carinho as águas do rio, como demonstração do amor, cuidado e respeito que eles possuem pelo mesmo.

O Opará é considerado um dos maiores e mais importantes corpos hídricos do Brasil, possui uma extensão de cerca de 2.700 quilômetros, número correspondente a 8% do território brasileiro de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Perpassa os estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e o Distrito Federal, percorre cerca de 507 municípios, como Três Marias, Paulo Afonso, Penedo, Salgueiro, Serra Talhada entre outros, faz a ligação entre o Nordeste e Sudeste do Brasil, desaguando no Oceano Atlântico e provocando a divisão natural entre os estados de Alagoas e Sergipe, sua nascente, de acordo com a história, se encontra no alto Parque Nacional da Serra da Canastra em Minas Gerais, no município de São Roque de

Minas, já de acordo com o ministério do Meio Ambiente foi determinado que a sua nascente geográfica se encontra no município de Medeiros, em Minas Gerais, o rio dividi- se em quatro regiões fisiográficas, que são: Alto São Francisco, Médio São Francisco, Submédio São Francisco e Baixo São Francisco. (IBGE).

O rio se encontra em uma região intertropical, por isso é afetado por vários fatores da qualidade do ar. A taxa de evapotranspiração é muito alta, especialmente na parte norte da bacia, as cheias ocorrem de dezembro a março, geralmente na área do Alto São Francisco e as secas ocorrem entre abril e novembro, geralmente nas áreas de Médio e Submédio São Francisco. A densidade populacional na região da bacia é de cerca de 20 habitantes por quilômetro quadrado, com cerca de 14 milhões de habitantes total, enquanto a densidade populacional nas áreas urbanas é maior. Aproximadamente 48,8% da população está localizada no Alto São Francisco, e cerca de 10,7% da população está localizada no Baixo São Francisco. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, o rio possui 168 afluentes, onde 69 são rios intermitentes, ou seja, desaparecem durante o período de seca e 99 que assim como o Rio São Francisco, são perenes, ou seja, há sempre água fluindo em seu leito, mesmo em períodos de seca. Entre os afluentes estão, o Rio das Velhas, Rio Corrente, Rio Paracatu, e outros. Porém os principais se localizam a margem esquerda do Alto e Médio São Francisco



Figura 1: Bacia do São Francisco
Fonte: Chesf, 2004

sendo eles, o Rio Paraopeba, Rio Abaeté, Rio Jequitaí, Rio Paracatu, Rio Verde Grande, Rio Carinhanha, Rio Corrente, Rio Pará, Rio das Velhas, Rio Pajeú, Rio Salitre, Rio Urucuia (GEOGRAFIA DO BRASIL).

Mesmo sendo tão importante para a sobrevivência de vários povos, o rio vem sofrendo a anos com as ações excessivas dos homens, tem sido explorado de diversas maneiras diferentes, desde a mineração a produção de energia elétrica, principalmente no trecho entre os estados de Minas Gerais e Bahia. O Opará foi e tem sido palco para inúmeras obras de grande porte, visto que o rio possui um grande potencial energético, foram instaladas usinas hidrelétricas ao longo de seu percurso para geração de energia, como por exemplo as localizadas em Paulo Afonso, tendo entre elas a Usina de Sobradinho (1973- 1982), Usina Apolônio Sales (1978), Usina de Paulo Afonso I, II, III,IV e V (1954- 1979), Usina Luiz Gonzaga (1979- 1988) e Usina Xingó (1987- 1994), o rio também é utilizado para irrigação de terras, com um limite aproximadamente 800 mil hectares, porém a irrigação vem sendo feita de maneira descontrolada, tendo em vista que no ano de 2014 foram captados através de satélites 5.085 pivôs (350 mil ha irrigados), sendo que apenas 2.600 destes (194 mil hectares) estavam ativos em julho/agosto de 2014, o que sendo considerado uma lâmina média de irrigação diária de 4 mm, estima-se em um consumo de água de aproximadamente 90 m³/s para uso na irrigação.

Além de diversas outras atividades que são feitas no rio, como agricultura, fruticultura, navegação como transporte, a pescaria, que é uma atividade utilizada por muitas famílias para sobreviver porém, tem diminuído de forma significativa em decorrência das instalações de barragens construídas no rio e as contaminações provocadas devido ao uso incorreto do solo em diversas regiões, além da poluição das águas tanto pelas construções quanto pela própria população, tendo em vista que inúmeras cidades ribeirinhas não possuem sistema de saneamento básico, e todo esse esgoto é despejado no rio, e esse fato pode ser considerado uma das principais formas de poluição do Opará, fatores que juntos diminuem não só o volume de peixes, como também o volume das águas. A diminuição significativa da vazão tem demonstrado que as demandas pelas águas aumentaram nos últimos anos e tendem a aumentar cada vez mais, como já foi dito anteriormente, o rio foi e ainda tem sido palco para inúmeras obras de grande porte e o uso múltiplo da água que advém principalmente das demandas

energéticas e da irrigação tem gerado impactos negativos imensos. É muito importante considerar que na irrigação boa parte destes projetos está associado a extração de água do rio, e isso sendo somado as construções das barragens, corre-se o risco de diminuir cada vez mais a vazão do rio. Estes fatos, conseqüentemente, atingem de forma direta o meio natural que está ligado ao rio, atingindo também as comunidades que vivem do ambiente natural, tendo em vista que ele é utilizado como meio de sobrevivência para vários ribeirinhos. O Rio Opará, Velho Chico ou São Francisco, é amado por todos, mas acolhido por poucos e ele pede respeito, pois quando é dado respeito, ele corresponde de formas extraordinárias, com o brilho deslumbrante de suas águas ao serem tocadas pelos raios de sol, de suas matas, seus cânions, o brilho de sua história, de quem mata sede, fome e ainda é uma das maiores fontes de renda nordestinas. E que além de uma importância econômica vital, possui uma beleza incomparável, o Opará é único e merece ser cuidado, grande sorte de quem teve e tem o privilégio de nascer onde suas águas correm e triste de quem não ver o seu real valor.

Sou sertanejo, sou catingueiro, sou brasileiro e ando muito preocupado, estão deixando de lado um dos bens mais amados que o criador nos deu, o velho Chico já não corre mais por lá como num passado recente, anda triste, descontente, se pergunta o que fez! Para isso merecer, São Francisco clama socorro, pede por favor que a ele tenham cuidado, mas pra todo lado, só se vê o bicho homem, agressivo, rude, grosseiro, esqueceram o quanto que esse rio em tempos de aperreio, foi a salvação, Chico tenta ser forte, luta como pode, mas o homem não ajuda não. Medo eu tenho é no futuro ver o velho Chico um dia secar e ver se acabar quem tanto fez pelo homem simples do sertão. Dói o coração, a lágrima até pensa em escorrer, um aperreio, uma emoção SOS São Francisco, ao meu bom Deus suplico, com respeito, e devoção.'

Matheus Boa Sorte, Youtube, 2016.



Figura 2: Ponte metálica no cânion do Velho Chico
Fonte: www.acertepauloafonso.com.br, 2021

2.1 O RIO OPARÁ EM PAULO AFONSO

O município de Paulo Afonso é uma ilha localizada no norte da Bahia, a cidade fica a 480 quilômetros de Salvador a capital do estado e na divisa entre os estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco, de acordo com o IBGE possui uma área de 1.579,723 km² e tem uma população estimada em 119.930 habitantes. A região onde a cidade se instalou, começou a ser habitada no início do século XVIII, por bandeirantes portugueses chefiados por Garcia D'Ávila(repetitivo!!), que subiram o Rio São Francisco e chegaram as terras onde hoje é localizado o município.

Em 1913, Delmiro Gouveia(1863 - 1917), empresário da época e uma das figuras mais importantes na história da cidade, chegou até a região onde se localiza Paulo Afonso por ter percebido a capacidade hidrelétrica existente e enxergou no Rio Opará a possibilidade de exploração visto que pelo seu potencial energético, Gouveia deu início a ideias e planos ousados podendo até ser dito que foram inspiradores, e que a partir dali mudariam o destino da região, naquele mesmo ano foi iniciada a construção da Usina Angiquinho, uma pequena usina que ficava localizada no lado alagoano da região a primeira destinada a exploração do potencial energético da cachoeira de Paulo Afonso. Sobretudo, os planos de Gouveia não tiveram andamento, por falta de apoio político da época e interesses estrangeiros.

Cerca de 30 anos após o acontecido, os planos de Gouveia serviram para dar início a um dos maiores complexos hidrelétricos do Brasil, usado como modelo para a construção do complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, a cidade possui uma grande ligação energética, econômica e sentimental com o rio, as águas que correm por lá são muito importantes para o povo nordestino, principalmente e especialmente para os nativos que sobrevivem não apenas da energia que ele proporciona, mas também tiram dele seu alimento. A cidade é banhada pelas águas do sagrado Opará!

O São Francisco resolveu se abonitar ainda mais nesse canto da Bahia, com um pé em Pernambuco, sombra em Sergipe e cheiro de Alagoas, Paulo Afonso é uma cidade de vertentes, de cantos opostos, do seco do

raso da Catarina ou da fartura de água nos cânions do São Francisco, terra de um artesanato forte, culinária de sabores marcantes e com fartura de alegria, um canto com aventura outro com tecnologia, Paulo Afonso é da gente, é Bahia! É um pedaço abençoado desse nosso amado Brasil.

Matheus Boa Sorte, Youtube, 2016.



Figura 3: Paulo Afonso ilhada pelo Rio São Francisco
Fonte: Palo Brasil, 2018



Figura 4: Cachoeira de Paulo Afonso
Fonte: Prefeitura de Paulo Afonso, 2021

3. ALDEIA KARIRI XOCÓ

3.1 A IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL

A denominação Kariri-Xocó, é proveniente de uma recente fusão, ocorrida há cerca de 100 anos entre os Kariri de Porto Real de Colégio e os Xocó da ilha fluvial sergipana de São Pedro, a fusão ocorreu devido aos povos Xocó estarem sendo extintos pela política fundiária do Império, tendo suas terras aforadas e invadidas, quando foram buscar refúgio junto aos Kariri. O grupo Kariri, já ocupava grande parte dos territórios nordestinos, começando da Bahia e indo até ao território do Maranhão. Por isso, os povos Kariri-Xocó representam a fusão de vários grupos tribais depois de séculos de aldeamento e catequese, é considerada a aldeia mãe berço dos povos refugiados.

A aldeia possui um cotidiano que é muito semelhante ao das populações rurais de baixa renda, também vendem sua força de trabalho nas diferentes atividades agropecuárias da região associadas a dança e a produção de seus artesanatos com barro para venda, possuem sua própria língua e pertencem ao grupo dialetal dzbuçuá, entretanto, a linguagem não foi preservada e por isso apenas alguns termos foram mantidos, entre eles os vocábulos indígenas que utilizam para designar suas plantas mágicas e medicinais. Esse grupo afirma preservar "na idioma", como se referem à sua língua, expressões mágicas do ritual do Ouricuri, o ritual é sagrado e o mais importante para os Kariri- Xoxó, para execução eles se recolhem espiritualmente, sempre no mês de Janeiro e pelo período de 1 mês e 7 dias, para eles o Ouricuri é o que dá sentido à terra, à família, à identidade, à chefia, consideram- o seu princípio organizador, onde se estrutura a vida perceptível mediante a ordenação do sagrado, do misterioso, do intangível, daquele reduto da vida indígena que a sociedade nacional não consegue dominar, mas o ritual é secreto e por isso não se encontra informações mais detalhadas sobre o assunto. Durante o cotidiano como o trabalho de campo, sempre é cobrada uma atitude discreta em relação ao ritual, que costumam denominar de "nosso segredo" ou "nosso particular", dessa forma, mesmo que o vocabulário tenha sido quase extinto eles lutam para recuperar sua língua, buscando manter seus rituais e ensinar as crianças desde pequenas, além de criar palavras, para



Figura 5: Louceiras Kariri- Xocó
Fonte: Instagram @etniakaririxoco



Figura 6: No nosso amado e sagrado Ouricuri
Fonte: Instagram @etniakaririxoco



Figura 7- Artesanato local
Fonte: Arquivo pessoal, 2021



Figura 8: Artesanato local
Fonte: Arquivo pessoal, 2021



Figura 9: Exposição de artesanato
Fonte: Arquivo pessoal, 2021



Figura 10: Construção local
Fonte: Arquivo pessoal, 2021

que essa identidade não seja perdida com as gerações.

A aldeia é extremamente centrada e fiel as suas crenças e tradições, por isso tem seus torés (rituais que unem a dança, religião, luta e brincadeiras) como os mais conhecidos do Nordeste. Estão sempre se conectando uns aos outros e com seus ancestrais através de seus cantos, rituais, sua língua, danças, pinturas de corpo que é extremamente importante para identidade da aldeia e oficinas. É admirável e inspiradora a força dos Kariri- Xocó, que apesar de todas as dificuldades, despejos e violência, continuam lutando para preservar e passar para suas gerações futuras tudo aquilo que foi criado e deixado por seus ancestrais, seja material ou espiritual, tendo sempre como maior benção e patrimônio a natureza.



Figura 11: Pintura corporal Kariri- Xocó
Fonte: Instagram @etniakaririxoco, 2021



Figura 12: Toré
Fonte: Instagram @etniakaririxoco, 2021

3.2 A DESTERRITORIALIZAÇÃO DA ALDEIA

Devido a junção entre os Kariri e Xocó que foi citada anteriormente, a aldeia teve um crescimento populacional significativo e por isso foi preciso buscar novos territórios para que se tivessem condições melhores de vida, como já foi dito o Rio São Francisco sempre foi um dos maiores condicionante para as escolhas territoriais dos indígenas, por além de sagrado ser fonte de renda e sobrevivência para as aldeias. A aldeia Kariri- Xocó cresceu com o ajuntamento, e o rio já sofria uma baixa em seu nível hídrico e na área onde moravam que já ocorriam as seca, trazendo condições difíceis ao seu modo de vida, por tais motivos eles saíram das intermediações sergipanas de onde eram originários em busca de condições melhores de vida. Foram primeiramente para Alagoas e depois se dispersaram em Paulo Afonso, para decidir um novo local onde viver, a aldeia se reuni e toma as decisões em família, mas além da escolha em grupo, o lugar se tornou especial para os Kariri- Xocó, por ter sido escolhido também a partir de um sonho tido pelo cacique da tribo onde seus ancestrais lhe mostravam aquela região, e assim permaneceram ali, mas só ocuparam o lugar em junho de 2015, a região era chamada de Cachoeira dos Veados e funcionava o antigo Parque Operacional do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), localizada ao lado da ponte metálica, um dos principais pontos turísticos de Paulo Afonso, as margens da BR- 423.

[...] Quando o grupo se expandiu, foi percebido através de reuniões que a busca pelo território seria uma realidade próxima, já que os Kariri- Xocós estavam decididos. A partir do Toré, tive um sonho onde meus ancestrais indicavam que aquela localidade seria perfeita para os costumes serem passados, conseguindo também o sustento das famílias através do território estabelecido [...]. (Cacique da aldeia Kariri- Xocó, 2021)

A área que havia sido escolhida possuía mais de 2 hectares, estava desocupada a mais de 30 anos e pertencia a União a qual cedeu a eles para morar, após todas as análises e buscas por informações que não os impedisse de se abrigar no lugar, a aldeia se alojou, construíram suas casas, templos, hortas e tudo o que tinham necessidade, assim viviam em harmonia, todos se ajudavam, exerciam a plantação de seus alimentos de forma integrada e coletiva e sem



Figura 13: Kariri- Xocó da Bahia: movimento de desterritorialização e reterritorialização. Fonte: A luta territorial do povo Kariri- Xocó em Paulo Afonso/BA, 2021

nenhum intuito lucrativo, tendo em vista que a única fonte de renda dos Kariri-Xocó são seus artesanatos confeccionados pela aldeia com materiais naturais.

No dia 14 de novembro de 2016, receberam uma liminar de desocupação, movida pela empresa UZI construtora Ltda, foi solicitada a presença do cacique em uma audiência que ocorreu no dia 29 do mesmo mês, de início, a construtora teve sucesso, e o resultado determinou que a aldeia deveria deixar o local e ficaria a responsabilidade da Secretaria de Assistência Social do município de Paulo Afonso realojá- los, a desocupação foi regrada por muita violência e desca- so, os indígenas que inicialmente se recusaram a sair tiveram suas casas, planta- ções, templos queimados e destruídos sem direito a defesa. Após todos os atos violentos, por medo a aldeia saiu por completo e foi realocada pela prefeitura na área onde era localizada a Escola Municipal Geraldo de Miranda Correia, a escola já se encontrava desativada. Inicialmente a aldeia era formada por 60 famílias, mas com a desocupação, apenas metade desse número conseguiu permanecer, somente 30 famílias foram alojadas, pois as condições de vida pioraram inimagi- navelmente, era nitido que aquele lugar além de não ser a área que eles escolhe- ram para morar, não estava propícia a plantação dos seus alimentos, tiveram que se readaptar ao lugar e adaptar o lugar a eles, a terra não possuía espaço e capa-

cidade o suficiente para produzir alimentos para todas as famílias, a horta foi feita em um pequeno local, improvisado.

'Antes da nossa, plantávamos feijão, milho, abóbora, melancia, coentro, alface, macaxeira, batata, chuchu, tomate, capim- santo e hortelã. Hoje plantamos menos. Sem falar que conseguimos identificar plantas que ajudam a tratar e curar doenças. Plantas como: aroeira, angico, juazeiro, umburana [...] e nosso artesanato era e ainda é a única fonte de renda. Produzimos xanducas (tipo de cachimbo), maracás, arcs, colares com sementes, chaveiros, brincos, palitos para usar no cabelo [...] (Cacique da tribo Kariri- Xocó, 2021)



Figura 14: Desabrigados, índios da tribo Kariri Xocó de Paulo Afonso estão morando em uma escola Fonte: www.g1.globo.com, 2017



Figura 15: Escola de Paulo Afonso onde os índios estão morando após reintegração de posse
Fonte: www.g1.globo.com, 2017



Figura 16: Horta na escola
Fonte: Fórum nacional de educação escolar indígena, 2021

4. OS CONFLITOS E IMPACTOS DAS GRANDES CONSTRUÇÕES

A chegada das hidroelétricas, transposições entre outros projetos feitos no rio Opará impactou de forma negativa a vida dos povos indígenas que viveram ou vivem em suas margens, pois trouxeram como consequência a mudança no caminho do rio, modificou o ecossistema e com isso vários cursos de riacho e lagoas foram desaparecendo, as secas que antes não ocorriam estavam se tornando uma realidade constante, as grandes quedas de água foram sendo levadas pelas construções e para os povos indígenas os encantos do rio também, o Opará está ficando cada vez mais lento, suas águas já não correm com a mesma alegria e força, “velho e cansado de tanta dor, suas veias já estão entupidas e seu coração já não pulsa tão forte.” (Cacique Cícero, 2012).

Se espremêssemos a história dos indígenas da Bacia do São Francisco teríamos, ao invés do verde azulado das águas do Velho Chico, um rio vermelho. Os grupos remanescentes são testemunhos da resistência de diversas etnias franciscanas contra a opressão da colonização que se estabeleceu na Bacia desde o início do século XVI. (MARQUES, 2007, p.01).

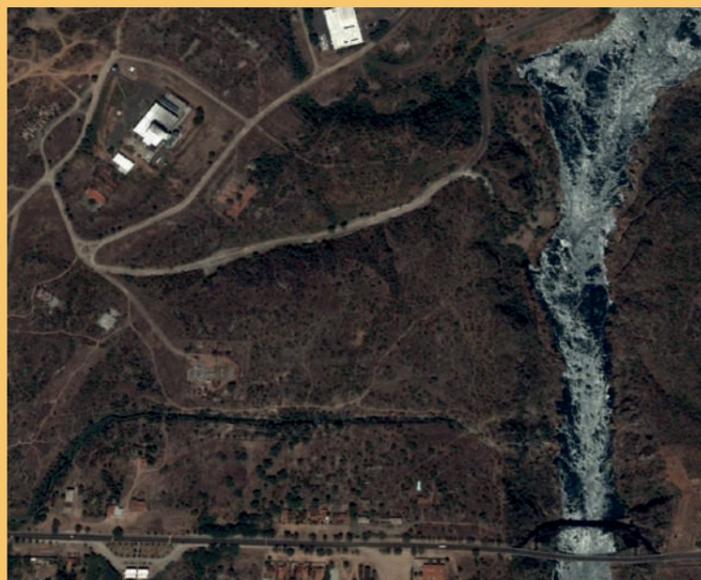
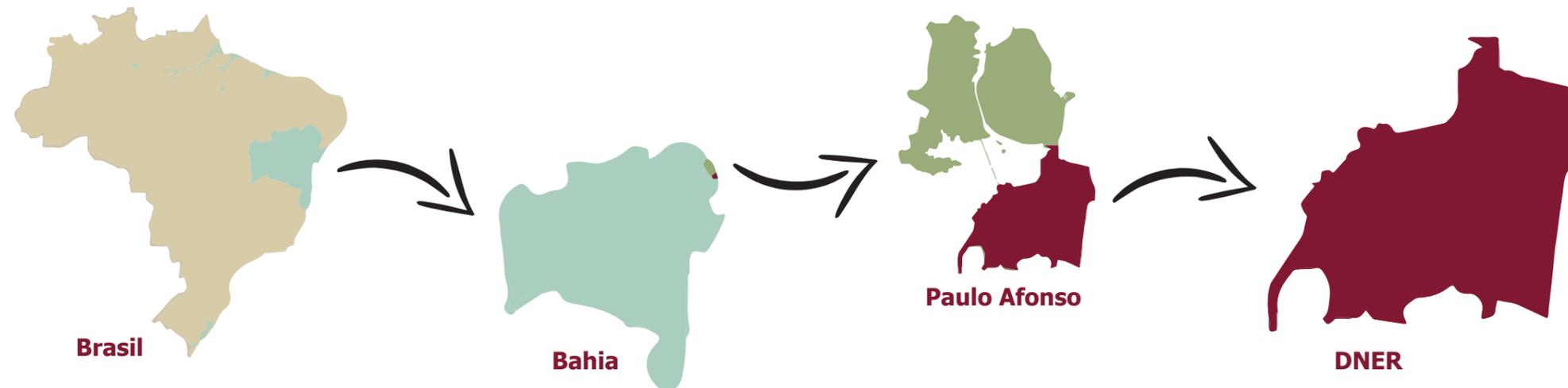
E apesar das implantações de grandes projetos como as usinas hidrelétricas e a transposição do rio terem trazido desenvolvimento e crescimento para a cidade de Paulo Afonso, afetaram negativamente a sustentabilidade das atividades tradicionais dos povos indígenas (como pesca e agricultura) e o excesso e consumo irresponsável se tornou uma grande ameaça ao rio. Como se sabe, estas construções implicam na modificação de cidades inteiras, remoção de populações rurais, animais, submersão de vastas áreas naturais, ainda que sejam formados grandes argumentos de desenvolvimento as mudanças são catastróficas, se tem a perda irreversível de sítios arqueológicos e o deslocamento dos povos indígenas que são um dos mais afetados, não levando em consideração as ligações profundas com suas terras, tradições e ancestrais.

Nunca, em nenhum momento da história do nosso País, a natureza foi tão explorada para sustento em modelo de desenvolvimento étnico e ecocídio. Isso afeta diretamente os povos indígenas.’ (MARQUES, 2008, p.132).



O LUGAR

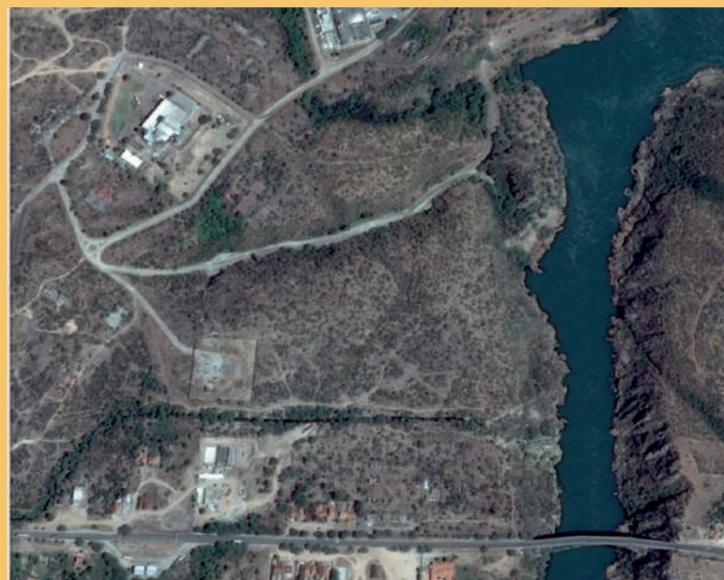
5.1 EVOLUÇÃO URBANA



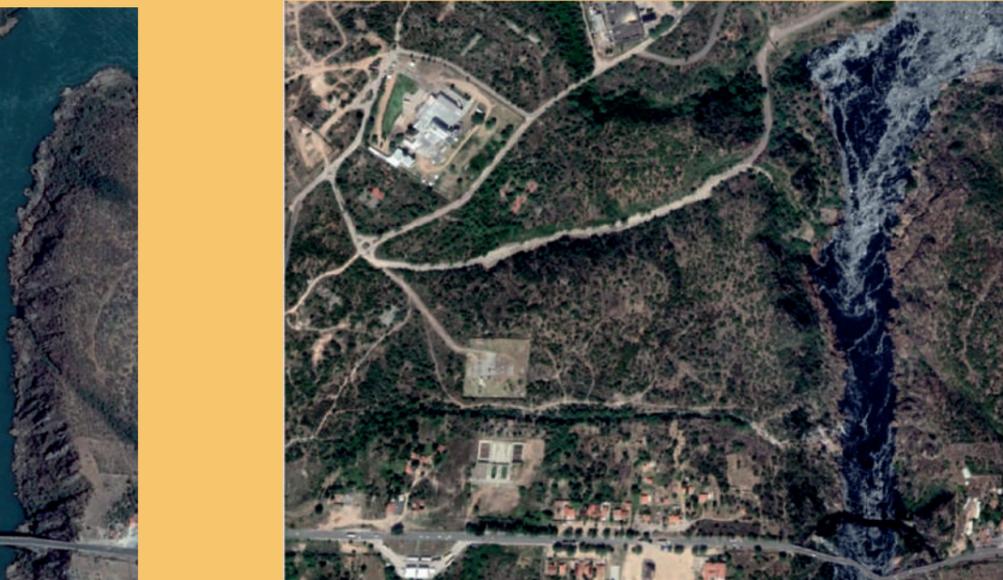
2006

A região do DNER, onde o projeto será implantado fica localizada às margens da BR-423 em Paulo Afonso-Ba, estas são as mesmas terras tomadas da aldeia durante o despejado havido em 2016, visto que são terras pertencentes aos Kariri Xocó por direito, é trazida essa reintegração de posse com a implantação da escola.

Desde o início de sua ocupação até atualmente a área se mantém com poucas construções, a presença de casas no entorno imediato não é vista em grande escala, levando em consideração que o terreno possui proximidade a



2013

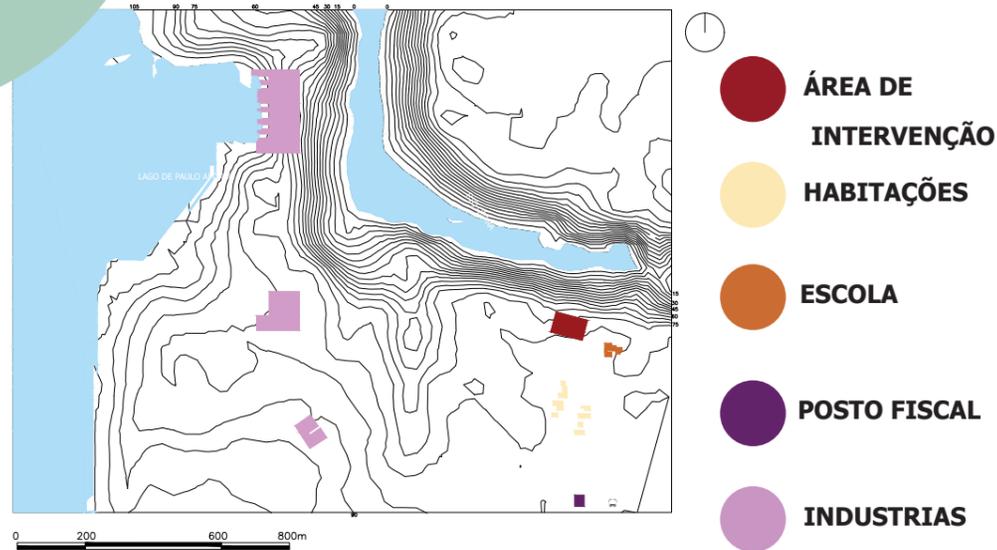


2021

rodovia, as residências presentes no lugar foram construídas nas extremidades mais afastadas da via.

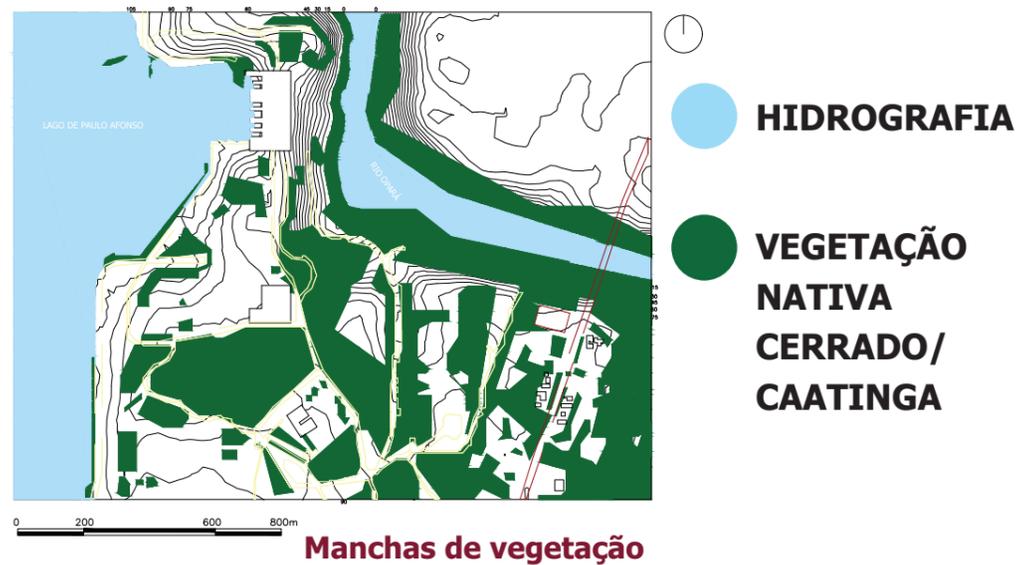
O local é afastado do centro da cidade, está no exato local onde é dividido os estados da Bahia e Alagoas, mas é a sua vegetação densa nativa do sertão, a bela natureza e águas do rio Opará que os cercam permite compreender o motivo pelo qual a área foi escolhida pela aldeia para morar.

5.2 ANÁLISE URBANA

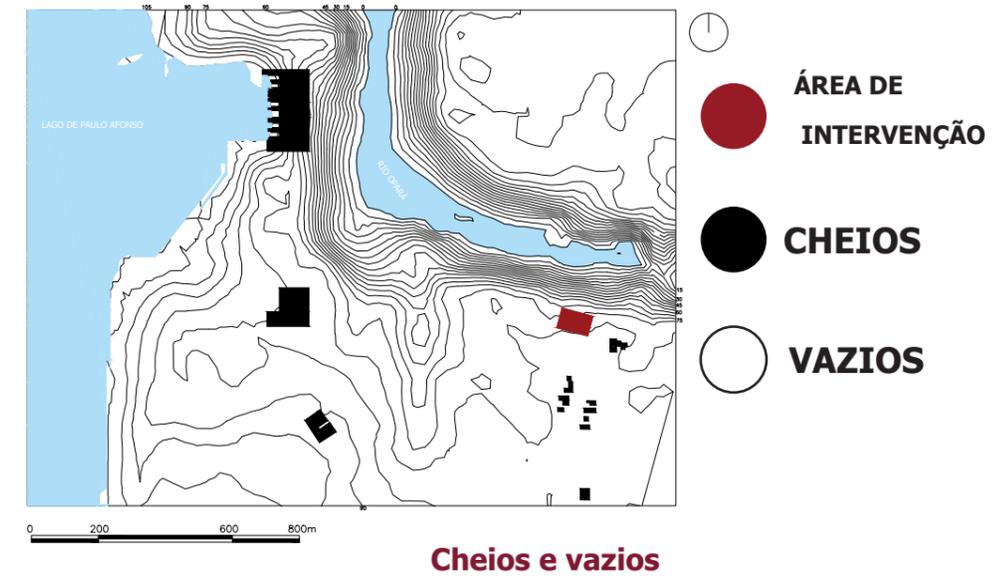


Análise Urbana

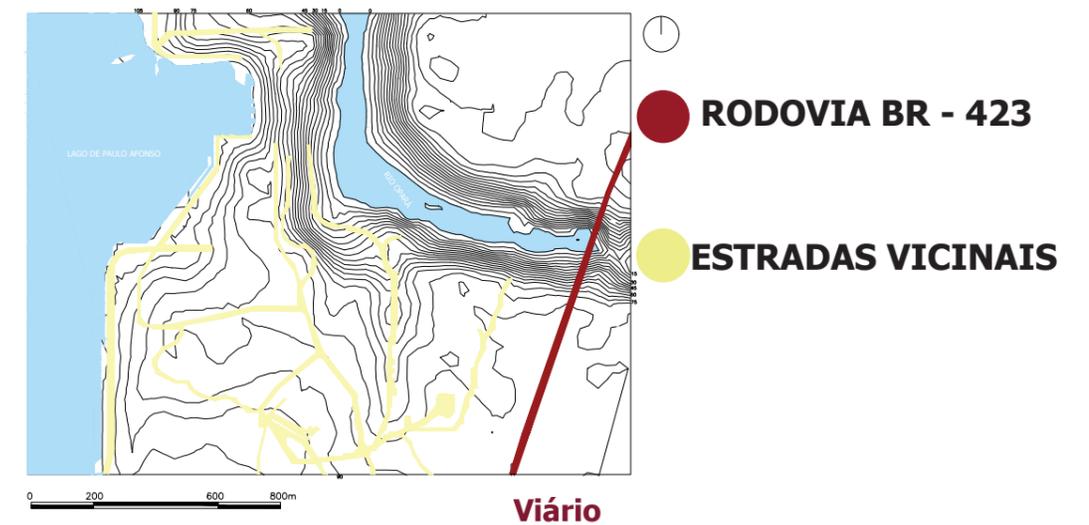
Pela análise urbana é possível perceber algumas das poucas edificações presentes, entre elas as casas que em sua maioria são simples e foram construídas a muitos anos. Nota-se a presença da escola desativada que está sendo utilizada como moradia para a aldeia Kariri Xocó, além das industrias.



Manchas de vegetação



Cheios e vazios



Viário

Além da BR-423, não existem vias de grande porte no local, apenas estradas que foram criadas para proporcionar acessos as indústrias que e trilhas naturais em meio às árvores, que possibilitam o acesso ao rio Opará.

5.3 O TERRENO

A escolha do terreno foi guiada principalmente por estar localizada dentro da área onde inicialmente se encontrava a aldeia Kariri Xocó da Bahia, e de onde os mesmos foram despejados, além desse motivo primordial, foi levado em consideração a ligação que o terreno possui com a natureza local, pois o mesmo está completamente envolvido em meio as árvores e muito próximo ao rio Opará.

Sendo assim, o terreno tendo a sua localização completamente ligada aos meios naturais do lugar, possibilitará trazer o projeto como um espaço capaz de causar sensações e manter essa conectividade que é tão importante para a aldeia entre homem e natureza.



Os indígenas estão reconstruindo a aldeia Kariri Xocó da bahia, tendo a esperança de que suas terras sejam devolvidas, a aldeia que está sendo reconstruída fica localizada ao lado do terreno escolhido para a implantação da escola.





ESTUDOS DE CASO

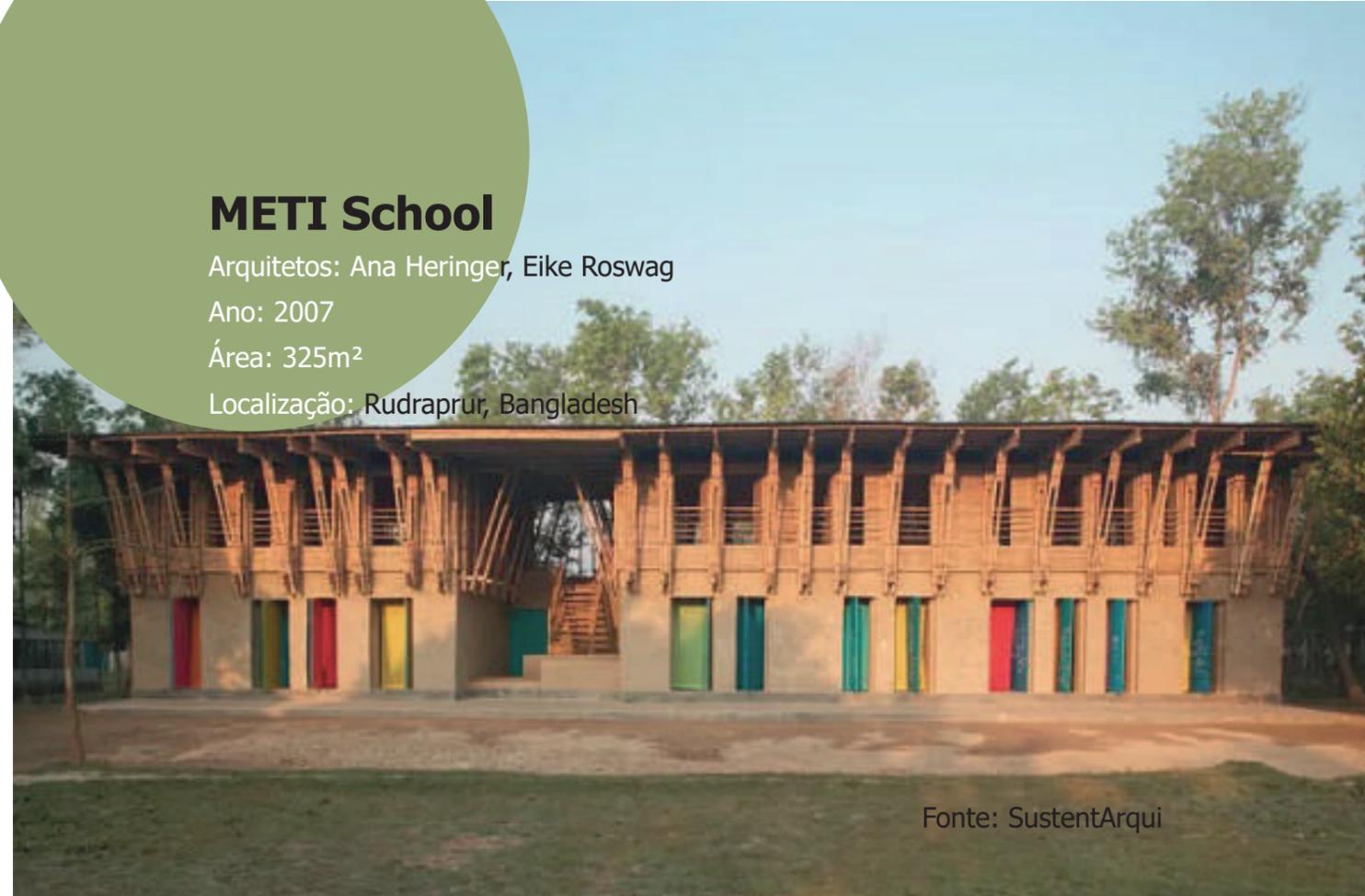
METI School

Arquitetos: Ana Heringer, Eike Roswag

Ano: 2007

Área: 325m²

Localização: Rudrapur, Bangladesh



Fonte: SustentArqui

A escola foi construída na intenção de melhorar a qualidade de vida nas áreas rurais e neutralizar a migração das famílias para a cidade, levando em consideração a necessidade e o baixo custo, por isso foram utilizados materiais locais como bambu, barro, palha de arroz e corda de juta.

Foi utilizada arquitetura vernacular, com técnicas aprimoradas para a construção da escola, além da mão de obra local vindas de artesãos, professores e até pais de alunos, contando também com a presença de especialistas que se voluntariaram vindos da Alemanha e da África sendo liderados pelos arquitetos



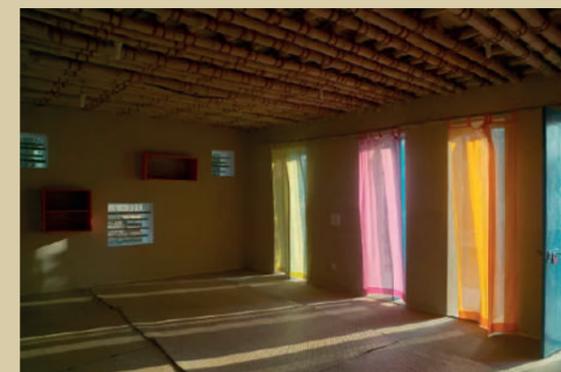
Fonte: SustentArqui

alemãs Anna Heringer e Eike Roswag que são especialistas em construções com terra.

Na escola a metodologia utilizada visa o incentivo aos alunos a utilizarem os seus talentos de forma responsável e criativa e de modo que possa melhorar o desenvolvimento do ambiente rural onde vivem.



Fonte: SustentArqui



Fonte: SustentArqui

Centro Cultural Jean-Marie Tijibaou

Arquiteto: Renzo Piano

Ano: 1998

Área: 8550m²

Localização: Nova Caledônia

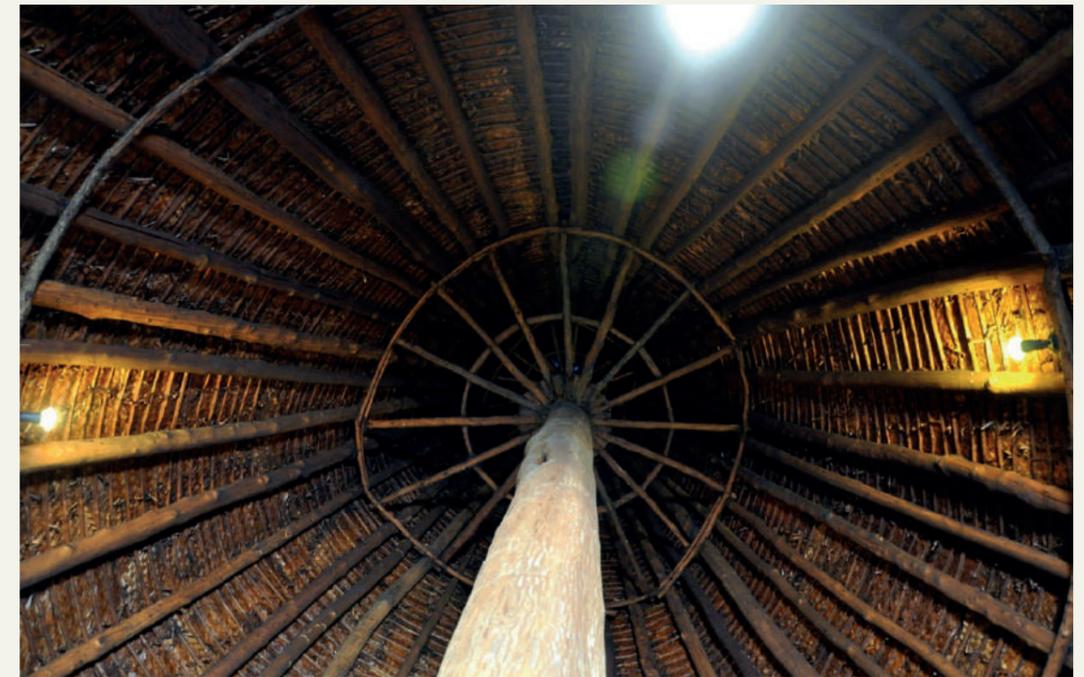


Fonte: SustentArqui

O projeto foi concebido com a intenção de diminuir as tensões étnicas entre o povo kanak da Nova Caledônia, e tinha o desafio de coordenar a ligação entre tecnologia e natureza, sendo demonstradas através de uma arquitetura que fosse capaz de expressar a realidade regional por uma linguagem contemporânea.

O principal objetivo da obra de Piano, foi a realização de um monumento que pudesse trazer de volta a cultura Kanak e para isso ele utilizou como ponto de partida as casas dos chefes tradicionais Kanak, o arquiteto enfatiza que o ambiente local tem total influência sobre o projeto, é seu fator determinante. Os formatos em conchas misturam métodos de construções tradicionais e um perfil cônico, que vão se desmaterializando e representando lindamente a textura das árvores ao seu redor. Foram criados vazios exteriores trabalhados na planta e aberturas do edifício que abrem fisicamente o projeto ao entorno e aprofundam o senso de pertencimento dos habitantes.

A construção possui um efeito orgânico e atraente, há incompletude em suas conchas que são capazes de trazer percepções aparentemente paradoxais de uma obra em andamento e um trabalho em ruínas, sendo capazes de refletir a ideia de que a cultura Kanak continua a crescer e evoluir através de suas raízes antigas.



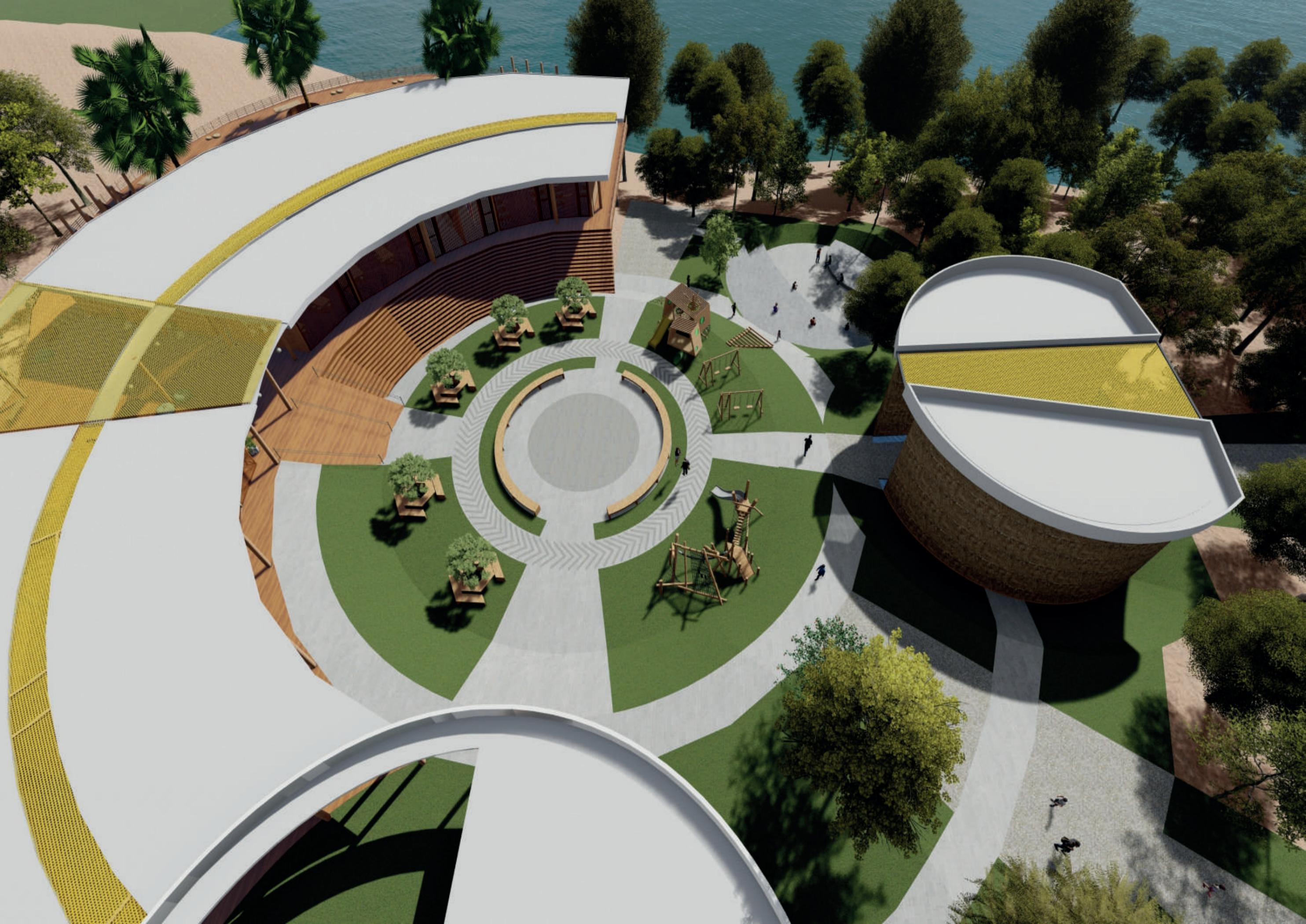
Fonte: SustentArqui



Fonte: SustentArqui



O PROJETO



6.1 PROGRAMA

Por meio das pesquisas realizadas referentes ao povo Kariri Xocó, e através de uma conversa direta com o cacique, foi possível perceber a necessidade que as crianças da aldeia possuíam de uma escola. Ironicamente, o lugar onde eles foram realojados de forma emergencial e inapropriada, se tratava de uma antiga escola para as crianças das redondezas mas que já se encontrava desativada, sendo assim, tanto as crianças indígenas da aldeia quanto as não indígenas mas que residem nas proximidades do DNER não possuem acesso a uma educação de qualidade próxima a elas, já que a área onde moram é consideravelmente afastada do centro da cidade.

Ao conhecermos e contarmos a história da aldeia nos deparamos com diversos atos injustos, violentos e que prejudicaram a vida não só dos adultos mas também das crianças presentes ali, entendendo que o ser humano não nasce arrogante, soberbo e preconceituoso, mas se torna enquanto seu crescimento e modo de ensino, podemos entender também que se for possível levar o conhecimento indígena a crianças não indígenas e vice versa, promove-se uma troca importantíssima para a formação de caráter de pequenos que se tornarão adultos melhores, a ideia de trazer para a região uma escola de caráter indígena mas não exclusivo apenas para crianças indígenas, vem com a principal intenção de promover essa conexão entre a população.

Visto que a construção de uma escola já é além de uma necessidade um desejo vindo da aldeia Kariri Xocó, o programa escolar foi proposto afim de proporcionar a essas crianças um local apropriado onde possam aprender, brincar e conviver com qualidade e se divertindo. Além de manter viva a cultura e tradições da aldeia, que são passadas de gerações para gerações.

NATUREZA **CULTURA**
CONEXÃO **CONEXÃO**
LUGAR
REINTEGRAÇÃO **ENSINAMENTOS**



6.2 Conceito

Ao se aprender sobre a vida e cultura do povo Kariri Xocó pode-se perceber o quanto a natureza é importante para eles, é possível notar isso nos detalhes, como por exemplo o rio ser o maior condicionante para escolhas territoriais, a maneira como eles falam das árvores, da terra, e de tudo o que a "mãe natureza" é capaz de proporcionar. Dessa forma, o projeto deve englobar o meio construído e natural, sendo inserido de forma que não agrida seu entorno, mas o conecte a ela, capaz de gerar acolhimento do edifício para a natureza e da natureza para os usuários do edifício.

O projeto baseia-se em buscar nesse lugar de natureza tão impressionante, que de acordo com Norberg Schulz pode ser definida como uma paisagem romântica, pois ela é a atração do lugar e o que dará todo o partido ao projeto, suas árvores e curvas, relevos, uma paisagem cercada de histórias, cultura, sobreposta por um céu que vezes pode ser visto e vezes não, é dentro disso que o edifício implantado busca a natureza ao se redor para provocar boas sensações, promover a admiração do que cerca, com naturalidade e leveza que vem através de sua implantação, pensada de modo que prejudicasse o mínimo possível a vegetação local, a materialidade usada que da prioridade materiais que já são utilizados para construções pela aldeia, suas aberturas que unem o projeto ao redor, e proporcionam interação entre o interior e exterior.



FONTE: <https://racismoambiental.net.br/2017/03/29/terra-da-união-ocupada-pelos-kariri-xocó-de-paulo-afonso-ba-tem-reintegração-suspensa-pelo-trf-1/>



FONTE: INSTAGRAM
@ALDEIAKARIRIXOCÓ

6.3 PARTIDO

A partir da análise conceitual, respeitando os aspectos naturais do terreno e tendo em vista as formas culturais de construções indígenas, a forma tem como partido um pátio central em formato circular que promove a formação e ligação entre todo o edifício, pensado de forma que envolvesse esse pátio se conectando a ele.



Exemplo de aldeia indígena

Atributos Espaciais:

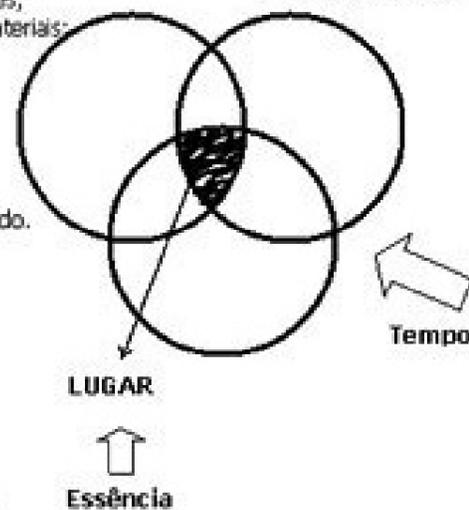
- Planos e sólidos (forma, volume, medida e proporção);
- Configuração espacial;
- Elementos constituintes;
- Características dos materiais;
- ...

Atributos Ambientais:

- Ambiente higratérmico;
- Ambiente visual;
- Ambiente acústico;
- Ambiente olfativo.

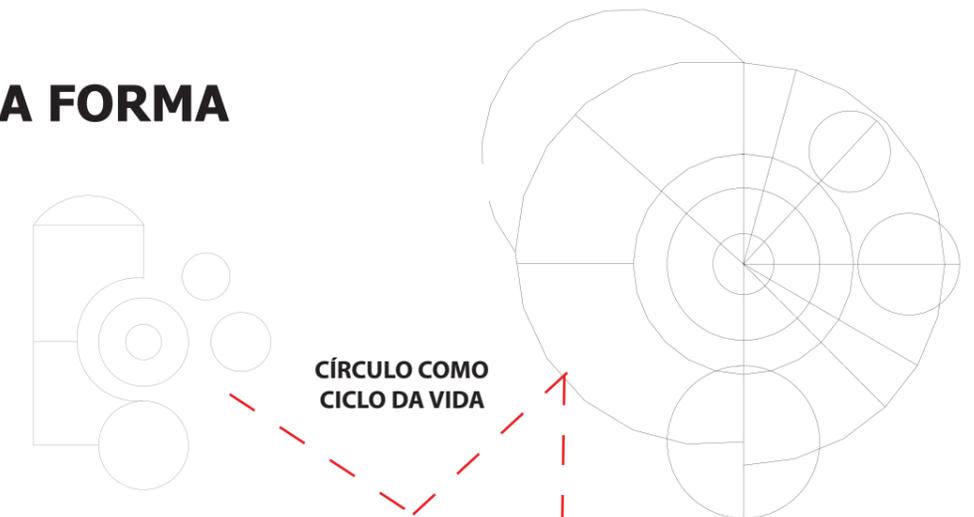
Atributos Humanos:

- Simbolismo e Significado.
- Uso/Apropriação;
- Comportamento;
- Percepção;
- Escala;
- Cinestesia;
- Memória;
- Cultura;
- Pertencimento;
- Territorialidade;
- Identificação;
- Ancoragem (*anclagem*);
- ...



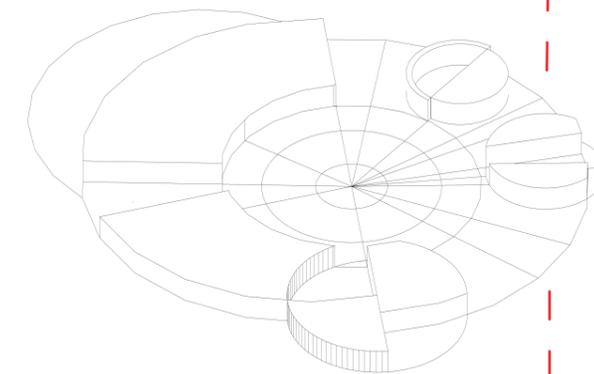
O CÍRCULO COMO CICLO DA VIDA

6.3 A FORMA



CÍRCULO COMO
CICLO DA VIDA

PÁTIO CENTRAL COMO
PRINCIPAL
CONDICIONANTE



CONECTIVIDADE ATRAVÉS
DE CAMINHOS



PÁTIO CENTRAL

O pátio além de ser o princípio da forma, que promove toda a sua continuidade, é também um espaço gerado para o convívio e interação entre os usuários do edifício.

FORMA

A forma busca através do uso de círculos referenciar a arquitetura indígena, buscando através dos recortes e formatações remeter e promover a junção com a arquitetura atual.

CAIXA D'ÁGUA

A forma busca através do uso de círculos referenciar a arquitetura indígena, buscando através dos recortes e formata-

MATERIALIDADE

O uso da madeira e palha foi trazido para remeter a cultura indígena, por serem esses os materiais utilizados por eles para construir.

COBERTURA

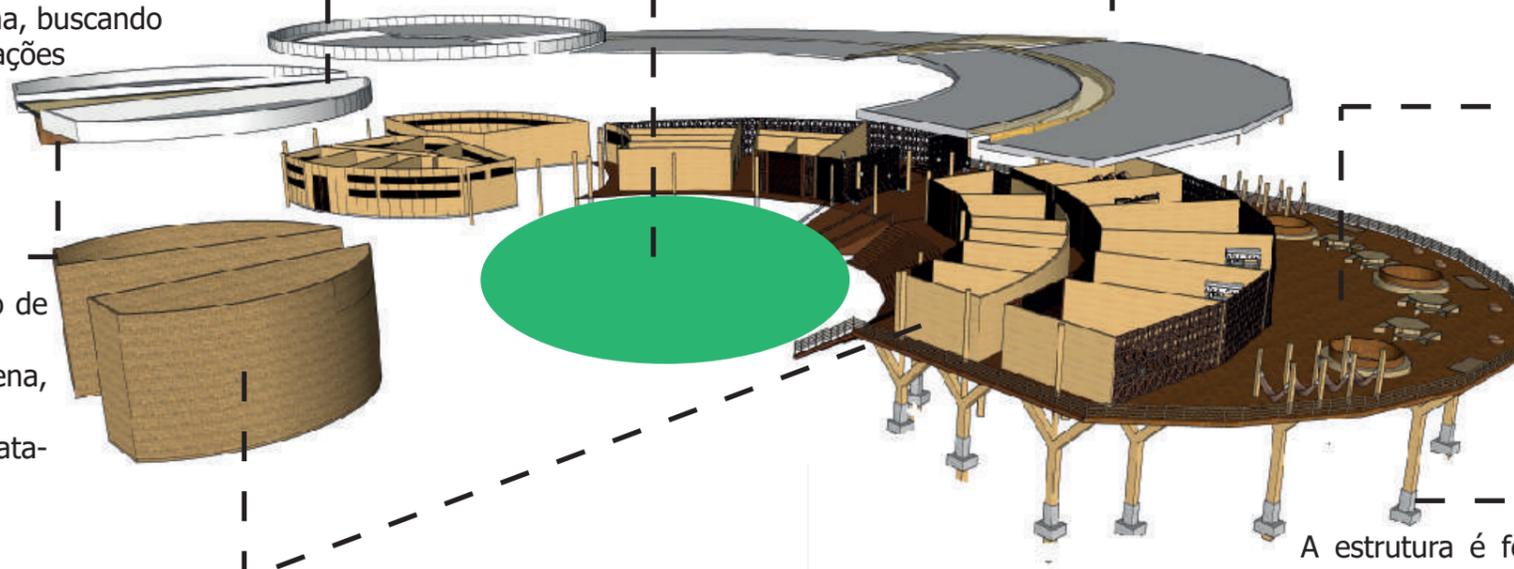
A cobertura metálica de telha sanduíche, foi utilizada para promover leveza ao edifício, e por sua facilidade de produção e adaptação a formas, a telha é pré moldada de acordo com a necessidade, além de vencer vãos de aproximadamente 12 metros, foi utilizada com uma inclinação de 8%, necessária para o escoamento de águas pluviais. Aproveitando da inclinação a cobertura é elevada para promover ventilação e iluminação aos ambientes.

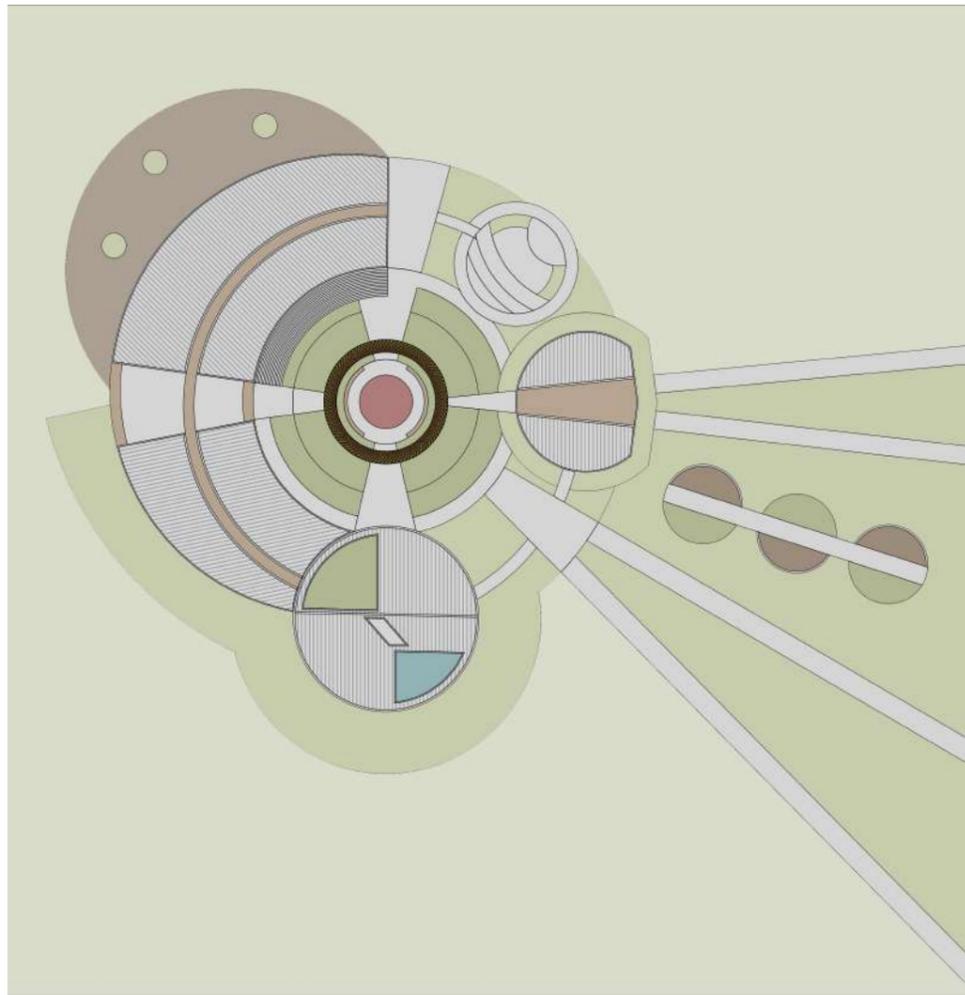
DECK

O deck foi posicionado para que além de um espaço para descanso, fosse também um lugar para a contemplação da natureza, visto que sua vista está diretamente voltada para o rio.

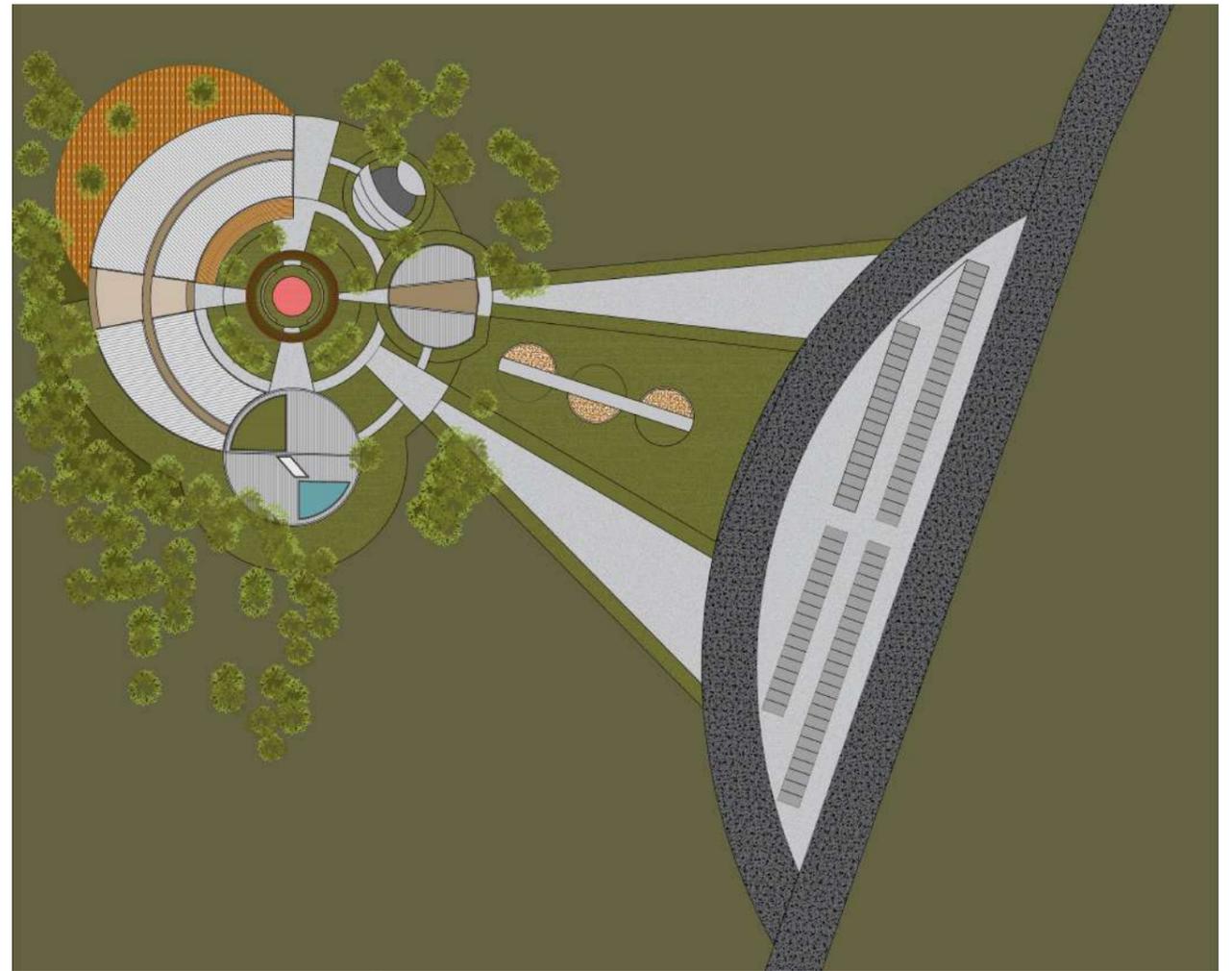
ESTRUTURA

A estrutura é feita por pilares também de madeira, assim como as paredes, os pilares da laje de piso são em formato de Y para melhorar a distribuição de peso, os pilares que tocam o solo são revestimento com sapatas de concreto visando uma maior durabilidade e eficiência. A estrutura das coberturas são feitas através de vigas metálicas que encontra os pilares e promovem o seu sustento necessário.





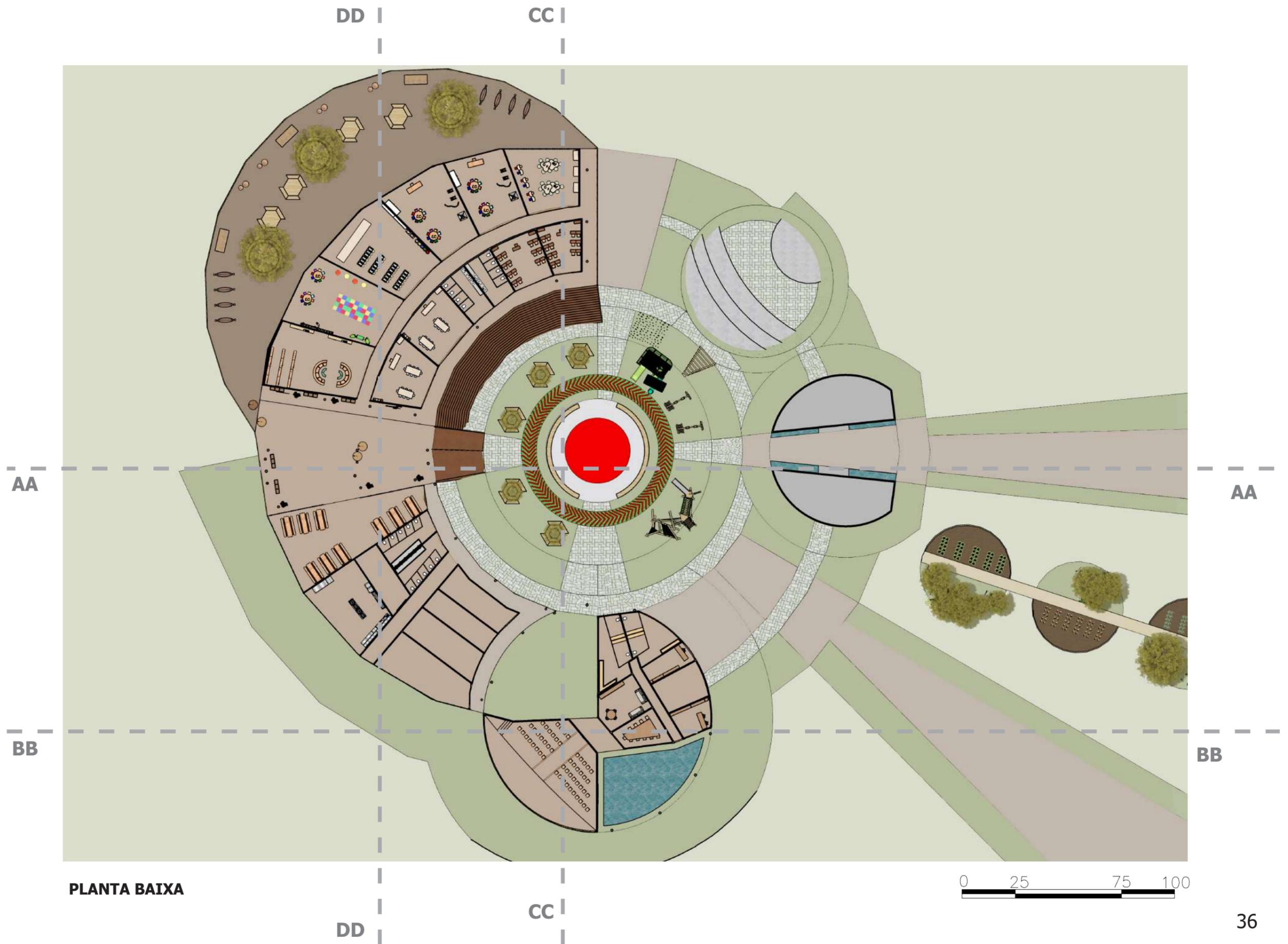
PLANTA DE COBERTURA



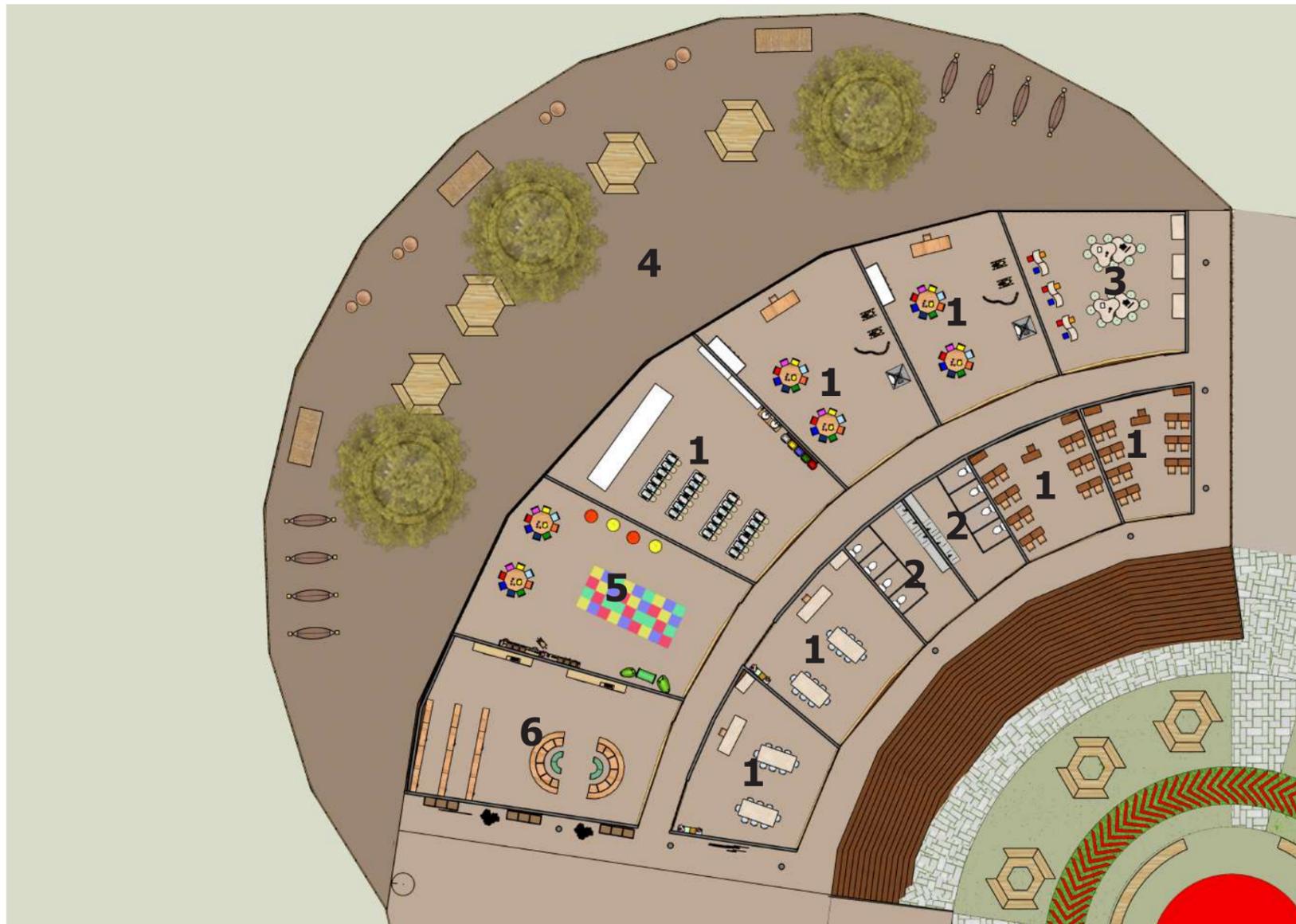
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



CORTE AA



PLANTA BAIXA



- 1- Salas de aula
- 2- Sanitários infantis
- 3- Sala de uso misto
- 4- Deck
- 5- Brinquedoteca
- 6- Biblioteca

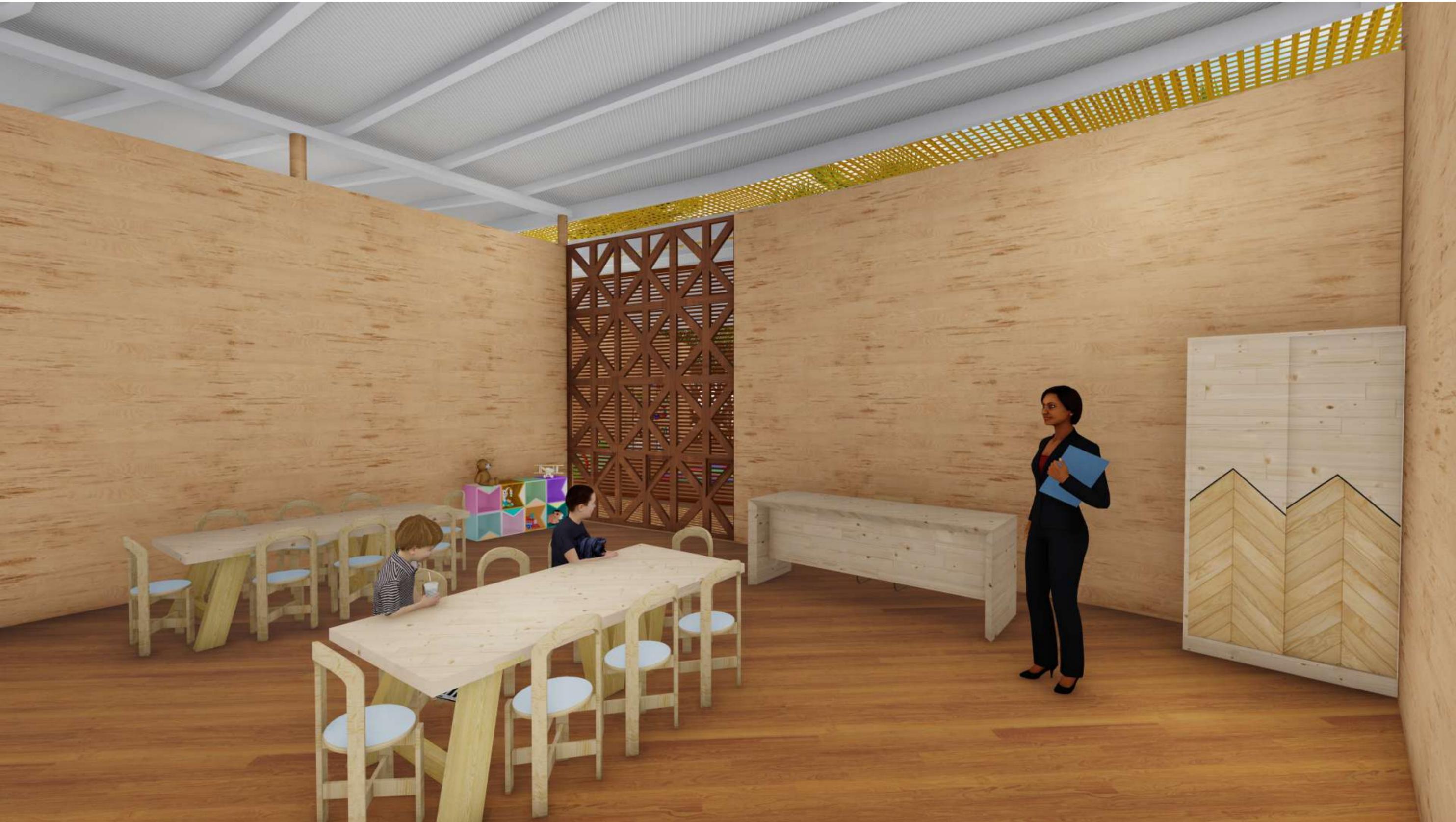
PLANTA BAIXA

0 25 75 100



CORTE AA





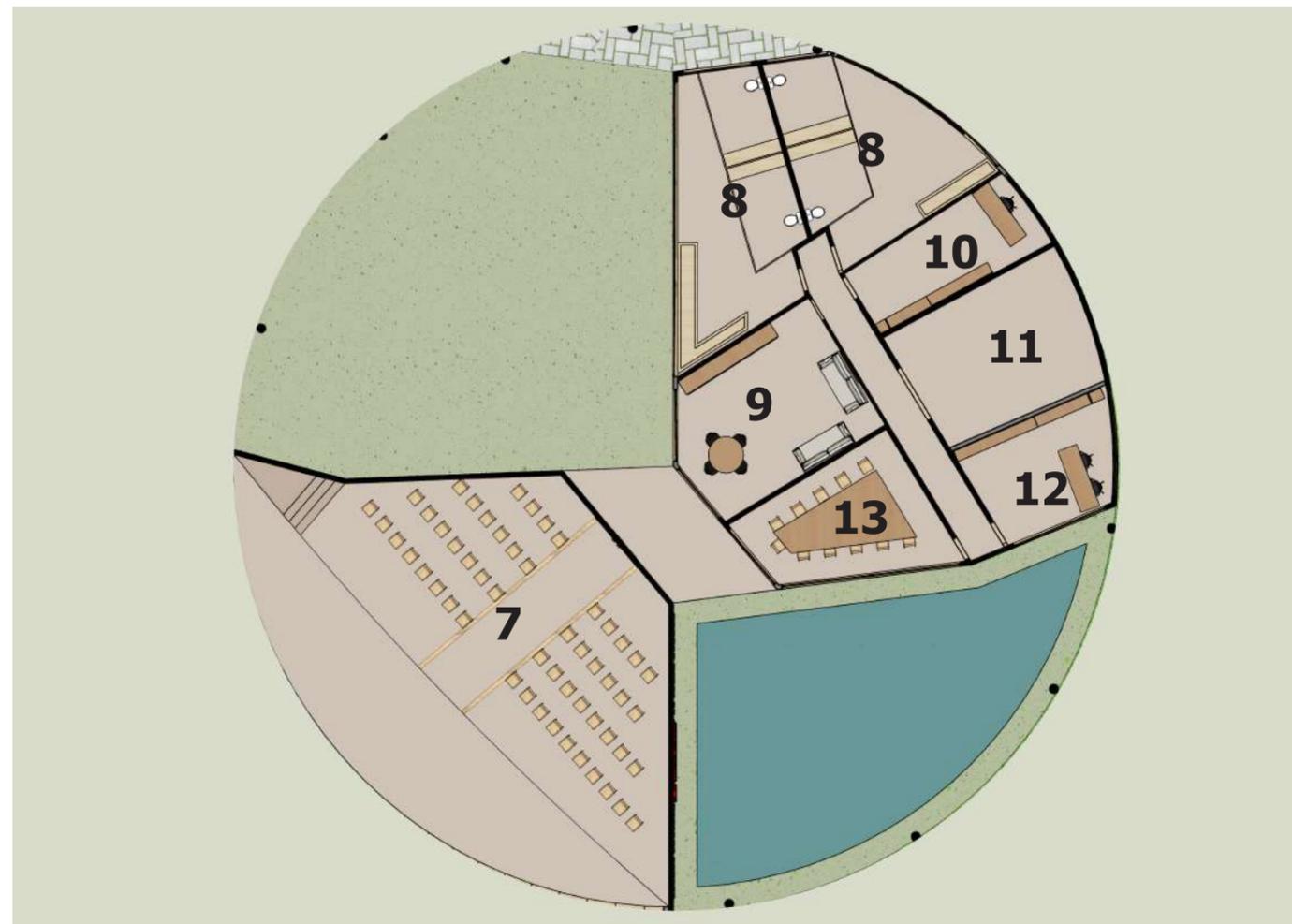












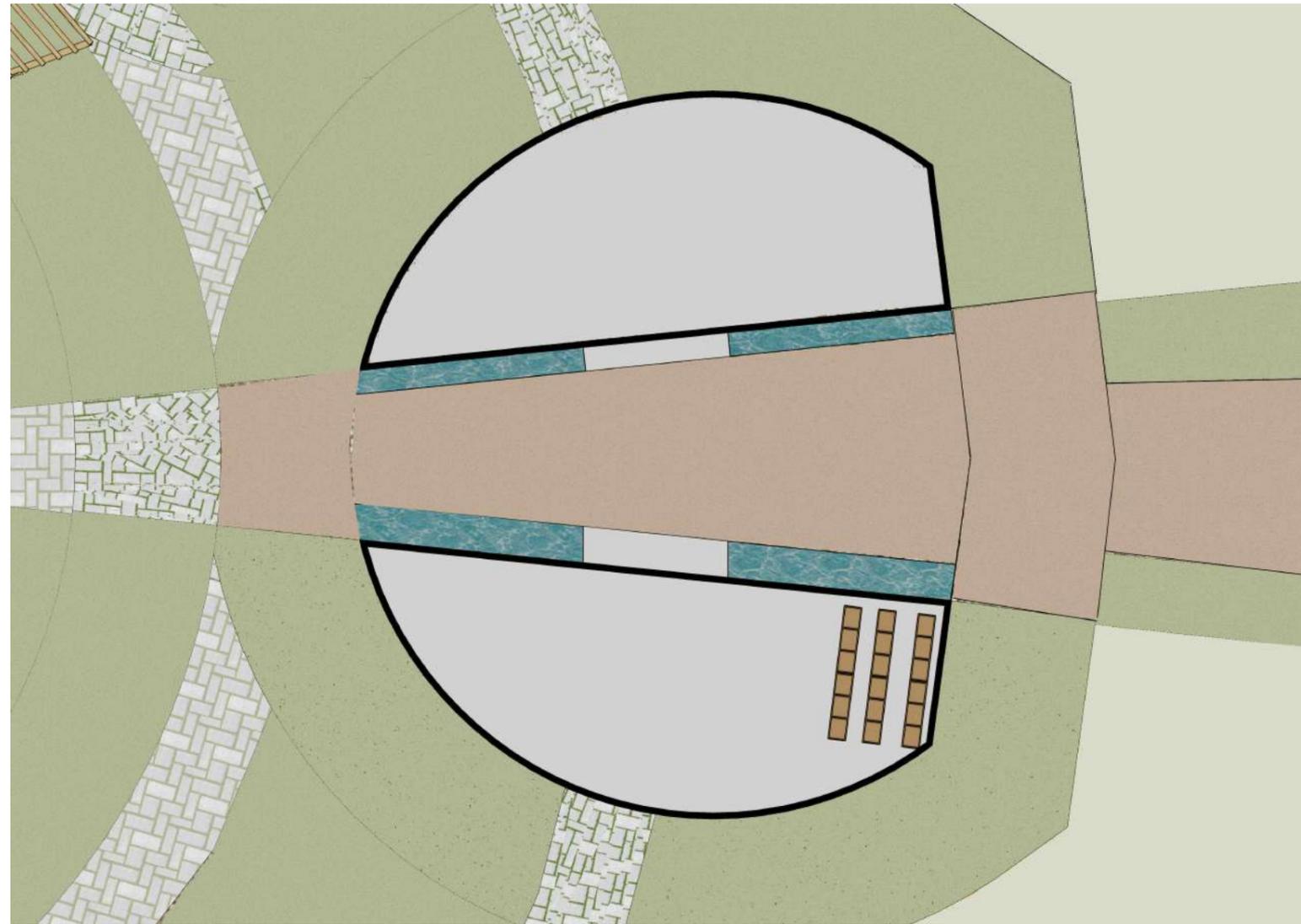
- 7- Auditório
- 8- Sanitários
- 9- Sala dos professores
- 10- Diretoria
- 11- Hall de entrada
- 12- Secretaria
- 13- Sala de reuniões

PLANTA BAIXA- BLOCO ADMINISTRATIVO

0 25 75 100





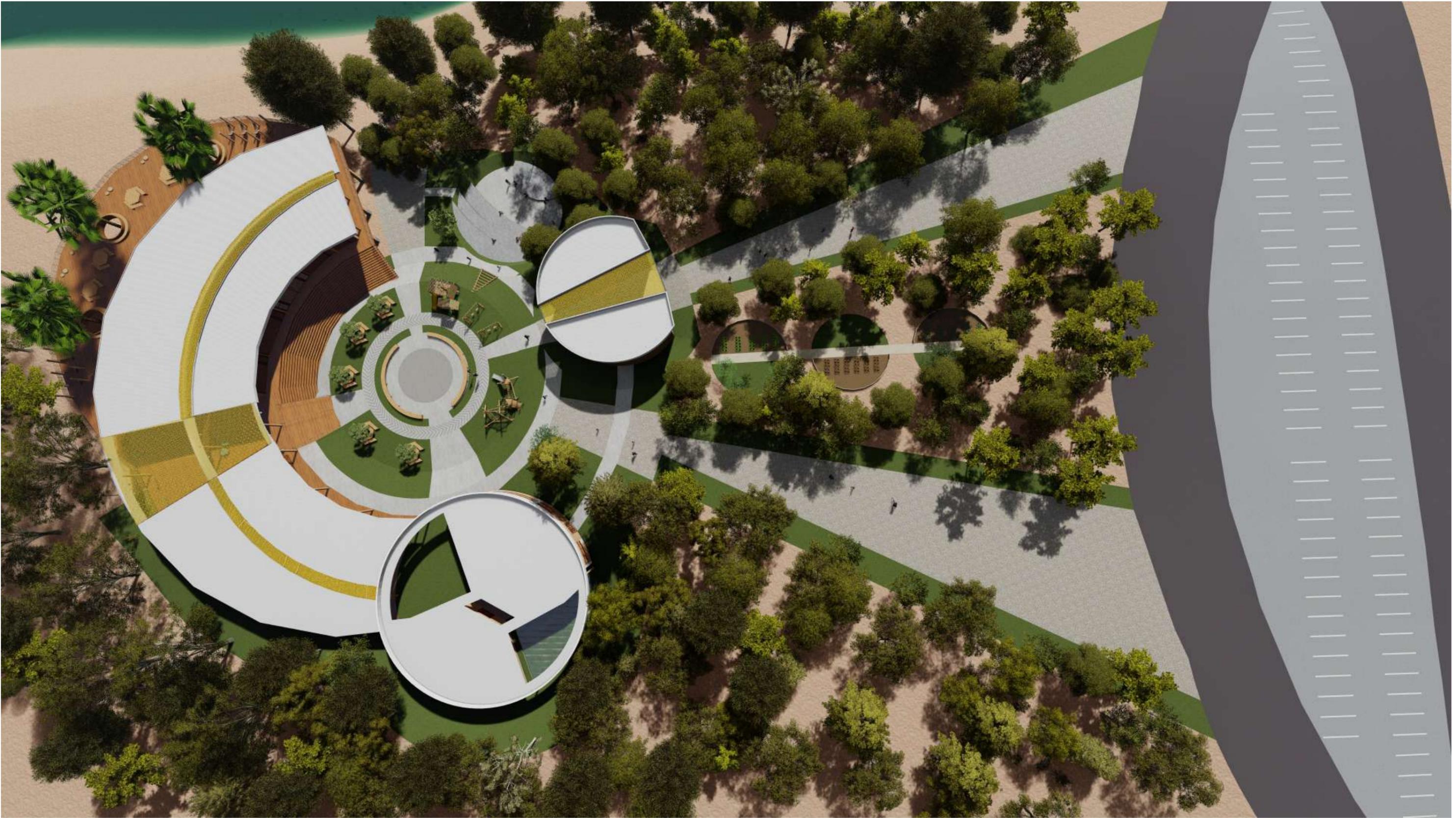


PLANTA BAIXA- -SAGRADO

























REFERÊNCIAS

As comunidades da bacia do Velho Chico. **Comitê da Bacia Hidrográfica o Rio São Francisco**, 2016. Disponível em: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/-cultura_blog/as-comunidades-da-bacia-velho-chico/ . Acesso em: 11/08/2021.

Aldeia é destruída e incendiada durante o despejo de 67 famílias Kariri Xocó de Paulo Afonso (BA). **Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568100-aldeia-e-destruida-e-incendiada-durante-o-despejo-de-67-familias-kariri-xoco-de-paulo-afonso-ba>. Acesso em: 17/06/2021.

DANTAS, Ingrede. A importância do Rio São Francisco. **Amarello**, 2021. Disponível em: <https://amarello.com.br/2021/05/cultura/a-importancia-do-rio-sao-francisco/>. Acesso em: 17/06/2021.

Justiça reconhece que a terra pública ocupada pelos Kariri Xocó em Paulo Afonso (BA) pertence a União. **Conselho indigenista missionário**, 2018. Disponível em: <https://cimi.org.br/2018/05/justica-reconhece-que-terra-publica-antes-ocupada-pelos-kariri-xoco-em-paulo-afonso-ba-pertence-uniao/>. Acesso em: 15/06/2021.

Justiça reconheceu que a terra pública antes ocupada pelos Kariri Xocó em Paulo Afonso (BA) pertence à União. **Jusbrasil**, 2018. Disponível em: <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/574470365/justica-reconheceu-que-a-terra-publica-antes-ocupada-pelos-kariri-xoco-em-paulo-afonso-ba-pertence-a-uniao>. Acesso em: 20/06/2021.

Kariri Xocó. **OKAX**, 2021. Disponível em: <http://thydewa.org/okax/kariri-xoco/>. Acesso em: 28/06/2021.

LANGDON, David. Clássicos da arquitetura: Centro Cultural Jean Marie Tjibau/Renzo Piano. **Archdaily**, 2021. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-cultural-jean-marie-tjibau-renzo-piano?ad_medium=gallery. Acesso em: 31/08/2021

MARQUES, Juracy. Kariri Xocó. **Povos Indígenas do Nordeste**, Paulo Afonso, 2021. Disponível em: <http://juracymarques.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/07-Kariri-Xoco.pdf>. Acesso em: 28/06/2021.

MIRANDA, Anivaldo. Rio São Francisco sofre com a ação humana. **Fundação Joaquim Nabuco**, 2018. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/-transposicao-do-rio-sao-francisco/8389-sao-francisco-sofre-com-acao-humana>. Acesso em: 29/07/2021.

NUNES, Cristiane. Arquitetura Vernacular é aplicada em escola de Bangladesh. **SustentArqui**, 2016. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/arquitetura-vernacular-e-aplicada-em-escola-de-bangladesh/>. Acesso em: 31/08/2021.

Opará, Águas do Rio São Francisco, 2021. Disponível em: <https://opara.org.br/o-projeto-2/>. Acesso em: 28/07/2021

Os biomas predominantes da bacia. **Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco**, 2016. Disponível em: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/-natureza_blog/os-biomas-predominantes-do-vale-do-sao-francisco/. Acesso em: 11/08/2021.

Os índios Kariri Xocó, habitantes do baixo São Francisco no estado de Alagoas. **Beiras d'água**, 2021. Disponível em: <https://beirasdagua.org.br/colecao/kariri-xoco/>. Acesso em: 05/08/2021.

Rio São Francisco. **Mundo Educação**, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/rio-sao-francisco.htm>. Acesso em: 29/07/2021.

Rio São Francisco. **Escola Kids**, 2021. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/rio-sao-francisco.htm>. Acesso em: 21/06/2021.

SANTANA, Rofolfo. "Nossa língua nos dá força", Indígenas Kariri Xocó preservam linguagem por gerações. **Brasil de fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatoce.com.br/2020/08/25/nossa-lingua-nos-da-forca-indigenas-kariri-xoco-preservam-linguagem-por-geracoes>. Acesso em: 28/06/2021

Terra da União ocupada pelos Kariri Xocó de Paulo Afonso (BA) tem reintegração suspensa pelo TRF-1. **Conselho Indigenista Missionário**, 2017. Disponível em: <https://cimi.org.br/2017/03/terra-da-uniao-ocupada-pelos-kariri-xoco-de-paulo-afonso-ba-tem-reintegracao-suspensa-pelo-trf-1/>. Acesso em: 28/06/2021.

UFAL, Ascom. Estudantes visitam Aldeia Indígena Kariri Xocó para aula de campo. **Unidade Federal de Alagoas**, 2018. Disponível em: <https://ufal.br/estudante/-noticias/2018/9/estudantes-visitam-aldeia-indigena-kariri-xoco-para-aula-de-campo>. Acesso em: 17/06/2021.